

NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS



COLEÇÃO TESOUROS MARIANOS

Coordenação
Padre Lourenço Ferronato, EP



Padre Lourenço Ferronato, EP

**NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS
FONTE INESGOTÁVEL DOS
DONS DIVINOS**

*1ª Edição
São Paulo
ACNSF
2012*





Coordenação:

Padre Lourenço Ferronato, EP

Texto:

Ricardo Campos Mendonça

Projeto artístico:

Ricardo Campos Mendonça

Diagramação:

Henrique de Souza Pereira



Associação Cultural Nossa Senhora de Fátima

Rua Francisca Júlia, 290 - Santana - CEP 02403-010

São Paulo-SP /  (11) 2971-9040

acnsf@acnsf.org.br / www.salvaimerainha.org.br

 @acnsf -  @salvai.me.rainha.de.fatima





Padre Lourenço Ferronato, EP

**NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS
FONTE INESGOTÁVEL DOS
DONS DIVINOS**





≡ Prefácio ≡



Queridos leitores.

“Deus reuniu todas as águas e chamou-as mar; reuniu todas as suas graças, e chamou-as Maria.”

A eloquente sentença de São Luís Grignon de Montfort, além de exaltar a admirável perfeição da Santíssima Virgem, resume o que os teólogos e doutores da Igreja afirmam em seus tratados: Deus quis depositar nas mãos de Maria o tesouro infinito de suas graças, para que Ela o distribuísse aos homens.

Assim, por misericordiosa disposição divina, Nossa Senhora é a fonte inesgotável através da qual transbordam sobre o mundo os dons que o Sagrado Coração de Jesus destina a todos e a cada um de nós.

Como se quisesse ratificar essa verdade, a própria Virgem Santíssima apareceu a Santa Catarina Labouré, em 1830, revelando à vidente a Medalha Milagrosa, e a sua prerrogativa de dispensadora das dádivas celestes. Com as mãos estendidas, das quais partiam fulgurantes raios de luz, disse a Mãe de Deus: *“Esses raios são o símbolo das graças que derramo sobre as pessoas que mas pedem. Os [raios] mais grossos representam as graças que se*



lembram de me pedir; os mais finos, as graças que se esquecem de suplicar”.

Mensagem de bondade e desvelo que atravessou os séculos e hoje, uma vez mais, chega até nós pelas páginas deste livreto que ora lhes apresento, caros leitores.

Espero ardorosamente que esse apelo da Virgem Santíssima – para que Lhe supliquemos as graças e favores que tanto necessitamos – toque, no mais fundo, o coração de todos. E que, a partir dessa leitura, nos tornemos ainda mais devotos de Nossa Senhora das Graças, que tenhamos sempre conosco a Medalha Milagrosa, e nunca deixemos de recorrer a essa Mãe, que é a obra-prima da misericórdia divina para com os homens.

É por meio de Maria que Nosso Senhor Jesus Cristo ouve nossas preces e atende nossos pedidos. É por meio de Maria que chegaremos ao Céu, alcançando a nossa eterna salvação.

Que Nossa Senhora das Graças a todos favoreça e proteja. Amém.



Pe. Lourenço Ferronato, EP



Catarina Labouré

Este foi o grande São Vicente de Paulo, nosso santo fundador. Procuremos sempre imitar suas virtudes, e pedir sua intercessão para que nos ajude a alcançar as graças que necessitamos. E para aumentar a devoção de vocês a ele, cada uma receberá um pedacinho de sobrepeliz usada por São Vicente. Estão dispensadas.

A superiora das Filhas da Caridade acabara sua preleção do dia, dirigida às noviças do Convento da Rue du Bac, em Paris. Na tarde daquele 18 de julho de 1830, véspera da festa de São Vicente de Paulo, ela lhes contou a história de seu fundador, ressaltando sua trajetória de heroísmo cristão para realizar a admirável obra de amor ao próximo que Deus lhe confiara.

Entre as noviças que acompanharam com animado interesse a palestra da superiora, estava a jovem Catarina Labouré, então com 24 anos.

Nascida em 2 de maio de 1806, em Fain-les-Moutiers, no interior da França, foi batizada como Catarina Zoé. Era a nona filha de um casal de camponeses, Pierre e Louise Labouré, piedosos pais, cheios de desvelo pela numerosa família, que ainda ganharia mais dois rebentos.

Agradecidos a Deus pelo que possuíam, os Labouré levavam uma existência operosa, alegre e saudável, em meio ao cultivo das hortas e o trato de suas criações,



Santa Catarina Labouré



inclusive as 600 pombas que povoavam a ampla torre da quinta onde moravam.

Porém, um acidente com o filho mais novo, Augusto, que o deixou aleijado para sempre, trouxe uma névoa de tristeza ao lar dos Labouré. Os trabalhos da mãe, já grandes, redobram com os cuidados especiais exigidos pelo infortúnio do menino. Tanto que a saúde da Sra. Labouré declinou rapidamente. Sucumbindo à doença, ela partiu para a eternidade em outubro de 1815.

Com apenas 9 anos, Catarina se viu órfã e investida da responsabilidade de ajudar na formação dos irmãos e na manutenção dos serviços domésticos. Lembrou-se então da prece que a mãe lhes fazia recitar todas as noites e, agarrando-se a uma imagem de Nossa Senhora, disse com toda a confiança: “A partir de agora, Vós sereis minha Mãe!”

Filha de São Vicente de Paulo

Zoé¹ cresceu e se tornou uma jovem dedicada aos irmãos e aos serviços de casa, sem negligenciar seus deveres de piedade. Agradava-lhe muito visitar a igreja da aldeia, e rezar longamente a Nossa Senhora e ao Sagrado Coração de Jesus.

Certa noite, teve um sonho que a marcou profundamente, e do qual nunca se esqueceria. Viu-se em ora-

¹ Como vimos acima, Zoé era o nome de Batismo de Catarina, assim chamada por seus familiares.



São Vicente de Paulo
(Convento da Rue du Bac, Paris)



ção na igreja da aldeia, quando, de repente, surge um sacerdote já idoso, pronto para celebrar a Missa. O padre olha para ela de tal maneira, que Zoé tem vontade de fugir. Mas ele a tranquiliza e lhe diz: “Um dia voltarás a me encontrar. Deus tem uma missão para ti.”

Curiosamente, a partir daquele sonho, Zoé começou a manifestar o desejo de se tornar Filha da Caridade, seguindo os passos de sua irmã mais velha, Maria Luísa. O Sr. Labouré, porém, não querendo “perder” duas filhas para o convento, opunha-se energicamente aos anseios da jovem. Tanto que a mandou para Paris, a fim de morar com o irmão mais velho, Carlos.

Zoé pouco ficou na capital francesa, mudando-se logo para Chântillon-sur-Seine, onde foi morar no pensionato que seu irmão Humberto e a esposa ali mantinham. Zoé aprendeu a ler e a escrever, e descobriu, com alegria, que as Filhas da Caridade tinham um convento em Chântillon. Ao visitá-las pela primeira vez, chamou-lhe a atenção um quadro à entrada do convento.

– Quem é o sacerdote retratado na pintura? – pergunta.

– É o nosso santo Fundador, São Vicente de Paulo.

Zoé teve uma exclamação de surpresa e admiração. O sacerdote na pintura era o mesmo que lhe aparecera em sonhos, algum tempo atrás.

Não lhe restava mais dúvidas: Deus a queria como Filha da Caridade, e assim seria. Nada poderia demovê-



Corpo de Santa Luísa de Marillac, cofundadora
das Filhas de São Vicente de Paulo
(Convento da Rue du Bac, Paris)



la de atender ao chamado divino, e o pai, diante de tanta resolução, acabou cedendo. Em abril de 1830, Zoé deixou definitivamente a aldeia natal para se tornar noviça das Filhas da Caridade, no Convento da Rue du Bac, em Paris.

“Irmã Catarina! Irmã Catarina!”

O noviciado das Filhas da Caridade transcorre entre trabalhos, orações e estudos, estendendo-se pelo período de um ano. Para a irmã Catarina – nome religioso que ela adotou – não foi diferente. Acostumada desde cedo aos trabalhos domésticos, desincumbia-se sem problemas das tarefas que lhe eram dadas.

Sempre confiante e alegre, Catarina cultivava com fervor sua vocação de Filha da Caridade, sem imaginar o que Deus lhe havia reservado na vida conventual. Não, até aquele dia 18 de julho de 1830, véspera da festa de São Vicente de Paulo.

Ao receber seu pedaço da sobrepeliz usada pelo santo, Catarina o dividiu em dois, engoliu uma parte e guardou a outra no seu livro de orações. Em seguida, dirigiu um ardoroso pedido a São Vicente: “Suplico-vos que intercedeis por mim, e alcançai-me a graça de ver com os meus próprios olhos a Mãe de Deus!”

Com esse desejo a lhe abrasar o coração, Catarina adormeceu. Quantas horas já dormira? Não sabe ao certo. Estaria sonhando? Não. Alguém a chamava pelo nome:



**Cadeira onde Nossa Senhora se sentou,
ao aparecer a Santa Catarina Labouré
(Convento da Rue du Bac, Paris)**



– Irmã Catarina! Irmã Catarina! Venha!

Sobressaltada, ela corre a cortina de sua cela e se depara com um menino de uns 5 anos. É o seu Anjo da Guarda em forma humana.

– Irmã Catarina (repete ele), venha à Capela, que a Santíssima Virgem a espera!

Catarina julga ainda estar sonhando, mas a insistência do menino a convence do contrário. Receia que as outras irmãs acordem e a vejam. O menino a tranquiliza:

– Não se preocupe, todas dormem profundamente. Siga-me!

Catarina se veste apressadamente e deixa-se guiar pelo menino. À medida que atravessam os corredores, ela se admira ao ver as velas todas acesas. Sua surpresa é ainda maior quando, ao chegar à capela, a encontra completamente iluminada, como se fossem celebrar a Missa do Galo. Catarina não vê ninguém. Ajoelha-se e começa a rezar, invocando a intercessão de São Vicente de Paulo.

A primeira visão

Alguns minutos se passaram, quando o menino de novo lhe chama a atenção:

– Eis a Santíssima Virgem!

Catarina ouve então um ligeiro ruído, como o frufu de um vestido de seda, e vê alguém sentar-se numa cadei-



**Capela do Convento
da Rue du Bac, Paris**

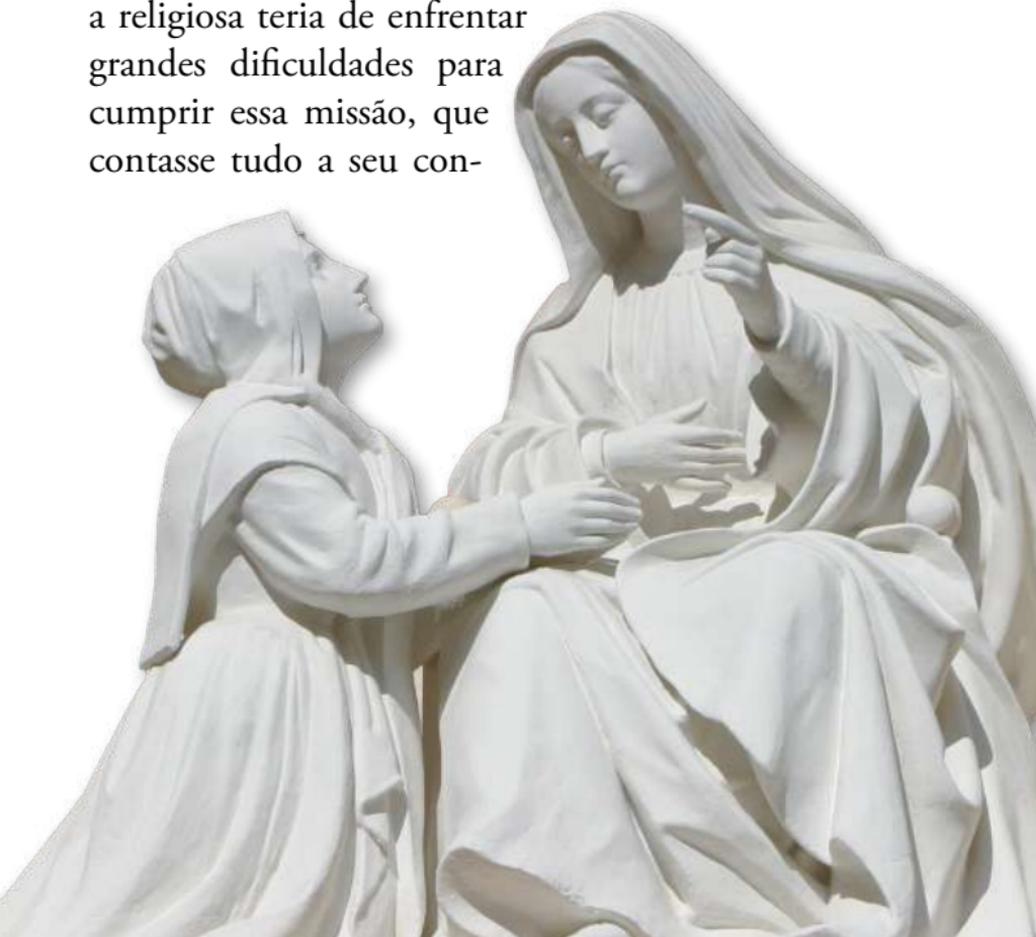


ra do coro dos sacerdotes. Ainda receosa, ela hesita, mas é encorajada pelo menino:

– É a Santíssima Virgem!

Então, de um salto a noviça se aproxima de Maria, e se ajoelha nos degraus do altar. Conta a vidente: “Apoiei minhas mãos nos joelhos de Nossa Senhora, e assim fiquei um longo momento, o mais grato de minha vida!”

Foram quase duas horas de um encontro celestial, onde a Mãe de Deus revelou a Catarina que tinha uma missão para lhe confiar. Acrescentou, porém, que a religiosa teria de enfrentar grandes dificuldades para cumprir essa missão, que contasse tudo a seu con-



“Apoiei minhas mãos nos joelhos de Nossa Senhora, e assim fiquei um longo momento...”
Primeira aparição de Nossa Senhora
a Santa Catarina Labouré
(Convento da Rue du Bac, Paris)





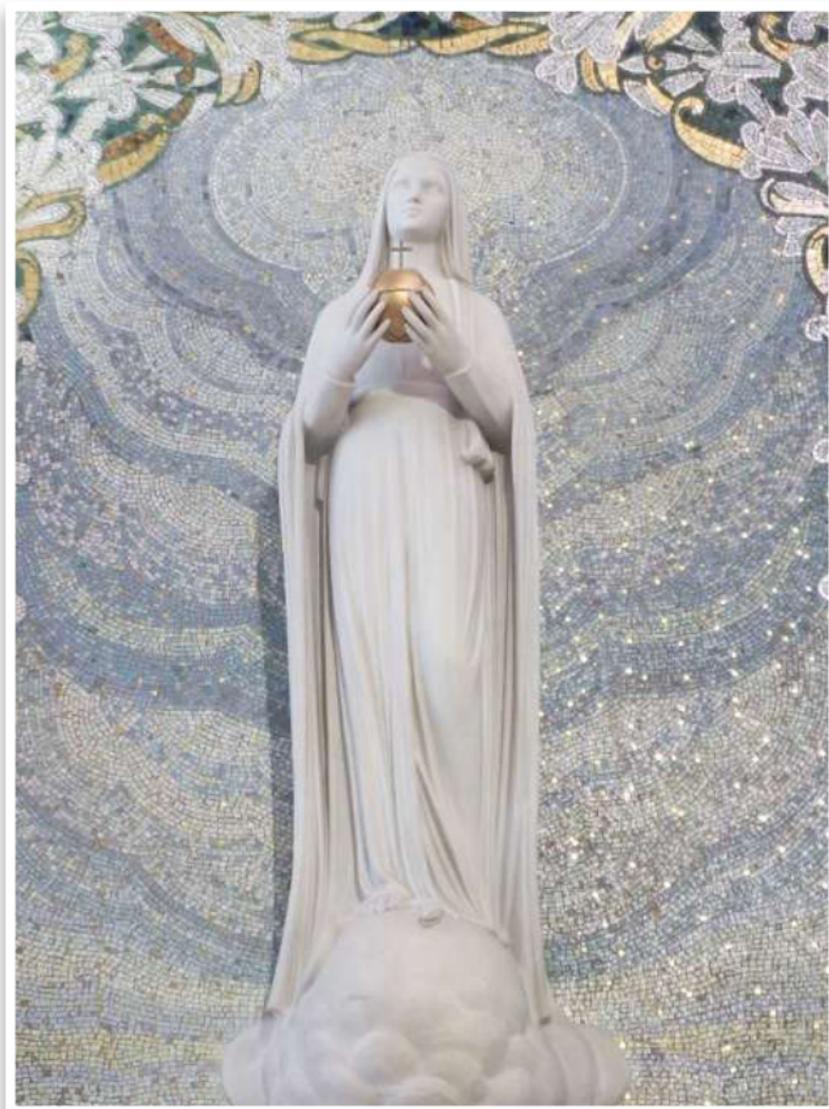
fessor, e que não estaria sozinha: a própria Virgem Santíssima a sustentaria e ajudaria, dando-lhe forças para cumprir os desígnios divinos.

Com um semblante mais grave, a Virgem Santíssima desvendou à vidente os tempos sombrios que se aproximavam para a França e para o mundo, e disse-lhe: “Haverá muitas perseguições, a cruz será tratada com desprezo, será derrubada e o sangue correrá. Mas vai ao pé do altar: graças serão derramadas sobre todos, grandes e pequenos, e especialmente sobre os que as buscarem. Terás a proteção de Deus e de São Vicente, e meus olhos estarão sempre sobre ti.”

Depois de falar por mais algum tempo, a Virgem desapareceu. Guiada outra vez pelo seu Anjo da Guarda, Catarina deixou a capela e voltou para sua cela. “Ouvir as horas, eram duas da manhã, mas não consegui dormir novamente”, diria depois a Irmã Catarina.

Segunda aparição

Pouco mais de quatro meses haviam se passado, desde a primeira visão que Irmã Catarina tivera da Santíssima Virgem. Quatro meses em que a noviça sentira palpitar em sua alma a lembrança de cada instante daquele encontro com a Mãe de Deus. Quando a viria novamente? Quando lhe seria dado ouvir, uma vez mais, o timbre suave e materno da Rainha do Céu?



**“Suas mãos alçadas à altura do peito seguravam um globo de ouro; seus olhos se iluminavam, enquanto oferecia o globo a Jesus.”
Virgem da segunda aparição
(Convento da Rue du Bac, Paris)**



Sábado, 27 de novembro de 1830. As Filhas da Caridade se reúnem na capela do convento da Rue du Bac para a oração da tarde. Por volta das 17h30, Irmã Catarina parece ouvir um ruído que já ouvira antes. Sim, o mesmo frufu de vestido de seda! “É Ela!”, pensa a noviça, sentindo o seu coração bater mais forte.

Pouco depois, ela vê a Santíssima Virgem, primeiro, do lado esquerdo do altar, e depois, por detrás do Sacrário, no altar-mor.

Era uma Senhora de mediana estatura, de rosto extremamente formoso, e estava de pé sobre a metade de um globo. Seu vestido era branco-aurora, como branco era o véu que lhe cobria a cabeça. Um manto azul prateado lhe descia até os pés, que pisavam a cabeça de uma serpente. Suas mãos alçadas à altura do peito seguravam um globo de ouro, encimado por uma cruz. Tinha os olhos erguidos para o céu, e seu rosto iluminava-se enquanto oferecia o globo a Nosso Senhor Jesus Cristo.





**Nossa Senhora das Graças
(Convento da Rue du Bac, Paris)
e a Medalha Milagrosa**



Em seguida, a cena se modifica, e Catarina vê as mãos de Maria adornadas de anéis radiosos, espargindo intensos fachos de luz sobre a terra, mas com maior abundância num ponto. Relata a vidente:

“Enquanto eu a contemplava, a Virgem Santa baixou seus olhos para mim, e uma voz me disse no fundo do coração: *Este globo que vês representa o mundo inteiro, especialmente a França e cada pessoa em particular. Os raios são o símbolo das graças que derramo sobre as pessoas que mas pedem. Os raios mais grossos correspondem às graças que as pessoas se recordam de pedir. Os raios mais finos correspondem às graças que as pessoas não se lembram de pedir.*”

Depois disso, formou-se em torno de Nossa Senhora um quadro ovalado e, nele, escritas em letras de ouro, estas palavras: *Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a Vós.*

Então, novamente Catarina ouviu uma voz que lhe disse: “Manda cunhar uma medalha conforme esse modelo. As pessoas que a usarem receberão grandes graças, especialmente se a trouxerem ao pescoço. Hão de ser abundantes as graças para as pessoas que a usarem com confiança.”

Depois, o quadro voltou-se, mostrando no reverso um conjunto de emblemas. No centro, um grande M (o monograma de Maria); em cima do M, uma cruz sobre uma barra; abaixo do monograma havia dois corações: o



da esquerda cercado de espinhos, o da direita transpassado por uma espada. Eram os sagrados corações de Jesus e Maria. Esse conjunto estava cercado por uma constelação de doze estrelas, dispostas como uma moldura ovalada.

A visão se desvanece. Catarina continua a contemplar o altar-mor da capela, enquanto ressoam ainda em sua alma as palavras de Nossa Senhora. Acabara de receber da Mãe de Deus a revelação da Medalha Milagrosa, com a missão de mandar cunhá-la e dar início à sua propagação pelo mundo.

As primeiras medalhas

Em fevereiro de 1831, a Irmã Catarina deixa o noviciado e é destinada a ajudar na cozinha e nos serviços mais pesados de um Lar das Filhas da Caridade, em Paris, onde eram tratadas cerca de 50 pessoas idosas. Ali a jovem Catarina opera maravilhas, desempenhando suas funções com competência, coragem e alegria.

Apesar das diversas ocupações, em nenhum momento Catarina se esqueceu da missão que lhe fora confiada pela Mãe do Céu, procurando um meio de realizá-la sem chamar a atenção sobre si.

Orientada pela própria Santíssima Virgem, abre seu coração ao Padre Aladel, confessor que lhe era muito caro, pedindo que a ajudasse no cumprimento de mis-



são tão importante. Padre Aladel, um tanto reticente a princípio, deixa-se convencer pela humilde insistência de Catarina, e promete fazer o possível junto ao arcebispo de Paris para conseguir a confecção e a difusão das medalhas.

Finalmente, em junho de 1832 são gravadas as primeiras medalhas. O Padre Aladel vai pessoalmente ao Lar das Filhas da Caridade onde Irmã Catarina trabalhava, e entrega uma medalha a cada uma das religiosas. Catarina se esforça em conter as lágrimas de júbilo e satisfação ao ver atendido o grande pedido da Mãe de Deus. Porém, nada deixa transparecer do seu papel de vidente, causando admiração ao Padre Aladel por sua demonstração de virtude e discricção.





Primeiros milagres de Nossa Senhora das Graças

Na mesma época, uma terrível epidemia de cólera, proveniente da Europa oriental, atingiu Paris. Centenas, milhares de pessoas morriam em todos os bairros da capital francesa. Diante do mal que nada pode conter, os cristãos rezam fervorosamente. As Filhas da Caridade começam a distribuir

entre os flagelados a medalha recém-cunhada, pedindo aos doentes que repitam a oração indicada pela Santíssima Virgem:

Capela do Convento da Rue du Bac, Paris, e uma das primeiras edições da Medalha Milagrosa





“Ó Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a Vós!”

A surpresa é geral: sem demora, verificam-se curas repentinas e se operam conversões extraordinárias! A peste recua, e a pequena medalha, que a população sofrida acolhe com tanta piedade, passa a ser, então, chamada de Medalha Milagrosa.

Os prodígios e graças estupendas se multiplicavam à medida que a medalha era difundida pela França, pela Europa e pelo mundo todo. Três anos depois, mais de 15 milhões de medalhas já tinham sido cunhadas e distribuídas, e os relatos de curas, conversões e milagres chegavam de todas as partes.

O Papa Gregório XVI foi o primeiro a aprovar e abençoar a Medalha, confiando-se à proteção dela e conservando-a junto de seu crucifixo. Seu sucessor, o Beato Pio IX, comprazia-se em ofertá-la como sinal particular da sua benevolência pontifícia.

Devido a essa espetacular difusão, Maria Santíssima ganhou um novo título, mais uma jóia de inestimável valor em sua reluzente coroa de invocações. Agora era também cultuada como Nossa Senhora da Medalha Milagrosa ou, como muitos a chamavam, Nossa Senhora das Graças.



Graves acontecimentos

Enquanto a Medalha se espalhava pelo mundo inteiro e os milagres se multiplicavam, Irmã Catarina continuava sua humilde e laboriosa existência no Lar das Filhas da Caridade, em Paris.

“De onde vem essa medalha?” – é a pergunta que as pessoas faziam em todas as partes, sem saber qual a origem daquele piedoso instrumento de que se servia a Providência Divina para distribuir aos homens as suas misericórdias.

No próprio convento de Catarina e na casa das irmãs de caridade, onde morava, apenas se cochichava a respeito de quem seria a vidente. “Não pode ser a pobre Irmã Catarina... ela é como uma de nós!” – era a opinião geral. E Catarina, recolhida em sua humildade, guardava virtuoso silêncio.

Os anos haviam passado. Em 1870, a França entra em guerra contra a Prússia. Irmã Catarina logo vislumbra aqueles tempos sombrios de que lhe falara a Santíssima Virgem.

A derrota militar da França é rápida, e o povo se revolta contra o Imperador Napoleão III, que desencadeara o conflito armado. Essa rebelião popular ficou conhecida como a Comuna de Paris, e nela se verificaram atos de sangrenta violência, conforme predissera Nossa Senhora à noviça Catarina.



Entretanto, como também afirmara Maria Santíssima, Ela esteve sempre junto àqueles que a invocaram e recorreram à sua proteção. Aos fiéis que traziam consigo a Medalha Milagrosa, a bondade de Nossa Senhora das Graças se fez sentir em todos aqueles angustiosos momentos.

Glória de Maria e de sua humilde serva

Desde as visões da Rue du Bac, e durante toda a sua existência religiosa, Irmã Catarina desejou ficar oculta. Para ela, a exemplo de João Batista, o santo precursor de Jesus, o importante era que a devoção a Nossa Senhora crescesse, e ela, Catarina, diminuísse.

Porém, quis a Mãe de Deus exaltar também a sua humilde serva. Pouco antes de falecer, Catarina confiou à sua superiora que havia sido ela a vidente da Medalha Milagrosa. Então, no dia 31 de dezembro de 1876, tendo a Irmã Labouré se despedido desse mundo para se encontrar com Maria no Céu, a superiora revelou a todos o segredo longamente guardado:

– Foi Catarina quem viu a Santíssima Virgem e recebeu a missão de mandar cunhar a Medalha Milagrosa.

Assim, no dia 3 de janeiro de 1877, uma multidão acorreu ao sepultamento da Irmã Catarina, transformando num verdadeiro triunfo o enterro daquela que sempre desejou o anonimato.



Peregrinos rezam diante do altar de Nossa Senhora das Graças, na capela do Convento da Rue du Bac, em Paris. A inscrição na placa de mármore diz: “Foi nesta capela que, em 1830, a Virgem Imaculada, Mãe de Deus, se manifestou à Irmã Catarina Labouré, e deu ao mundo a Medalha Milagrosa”





A noviça que apoiou suas mãos sobre os joelhos de Nossa Senhora foi solenemente canonizada por Pio XII, em 27 de julho de 1947. Por ordem do Arcebispo de Paris, o seu corpo foi exumado e, para a surpresa de todos, viu-se que estava perfeitamente conservado, inclusive os olhos que tinham contemplado em vida a Mãe de Deus!

O corpo incorrupto foi depositado num caixão de cristal, sob o altar das aparições, no convento da Rue du Bac. A cada ano, milhões de peregrinos se dirigem até lá para implorar a intercessão de Maria Santíssima e da sua confidente, Santa Catarina Labouré.

Em 1876, ano da morte de Santa Catarina, mais de um bilhão de Medalhas Milagrosas já atraíam graças sobre o mundo. Em 1894, a Santa Igreja instituiu a festa litúrgica de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa, a ser celebrada no dia 27 de novembro.



Corpo incorrupto de Santa Catarina Labouré



Hoje, todo o interior da capela de Nossa Senhora das Graças, em Paris, assim como seu pátio externo, estão revestidos das manifestações de reconhecimento dos fiéis pelas graças alcançadas. A palavra *Merci* (“obrigado” em francês) está gravada em milhares de placas de mármore que cobrem aquelas paredes.

E as datas remontam aos milagres ocorridos pouco depois da distribuição das primeiras medalhas ao povo, em 1832.

São quase dois séculos de graças e milagres que atestam a nós, peregrinos neste vale de lágrimas, que Maria Santíssima é a fonte inesgotável das misericórdias divinas para conosco. E para bebermos das límpidas águas dessa fonte, bastam-nos dizer, cheios de filial confiança:

Nossa Senhora das Graças, rogai por nós!

Ó Maria Concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a Vós!



Corrupto de
ina Labouré



Fontes consultadas:

- Laurentin, René. *Vida de Santa Catarina Labouré*, Desclée de Brouwer, Paris, 1990.
- *Santa Catarina Labouré*, Éditions du Signe, Strasbourg, 2002.
- Vaessen, Guilherme. *Santa Catarina Labouré e a Medalha Milagrosa*, Vicentinas, 1983.
- www.oracoes.info

É madrugada no convento das Filhas da Caridade, numa rua da Paris de 1830.

Na capela, inundada de luz, ressoa apenas o suave timbre de uma voz celestial. Ajoelhada junto à bela Senhora, uma jovem noviça, cheia de encanto e admiração, ouve atentamente aquelas palavras de solicitude e bondade maternas.

Sim, a Mãe de Deus viera à Terra e aparecia a Santa Catarina Labouré para, através desta, oferecer ao mundo uma dádiva incomparável: a Medalha Milagrosa, extraordinário instrumento pelo qual Deus tem derramado sobre o mundo milagres e prodígios de sua infinita compaixão para com nossas necessidades espirituais e materiais.

E esses dons do Céu nos vêm todos pelas mãos dessa Mãe incansavelmente amorosa, dessa fonte inesgotável de bondade e misericórdia, a quem o povo fiel assim passou a invocar com redobrado fervor:

Nossa Senhora das Graças, rogai por nós!



Associação Cultural Nossa Senhora de Fátima

Rua Francisca Júlia, 290 - CEP 02403-010 - São Paulo-SP

📞 (11) 2971-9040 - acnsf@acnsf.org.br

www.salvaimerainha.org.br

📌 @acnsf - 📷 @salvai.me.rainha.de.fatima